
- **LETRAMENTO, LEITURA E ESCRITA I**

Coordenador(a): *Kelly Viviane Bernardo*

A FORMAÇÃO DO LEITOR: UMA PROPOSTA DE LEITURA PARA POESIA LÍRICA

Rosilene Frederico Rocha Bombini

O processo de recepção de texto implica na participação ativa e criativa daquele que lê, sem com isso interferir na autonomia da obra de arte. Leitores e textos interagem de formas variadas. Diante do texto, o sujeito apresenta todo seu repertório de experiências, que deverá mobilizar

diante das provocações e espaços que a obra lhe oferece. Em contraparte, a obra apresenta uma organização de sentidos, composta pelas técnicas de composição, que limitam as possibilidades interpretativas. Sendo uma estrutura organizada de sentidos possíveis, a obra permite ao leitor uma interação direcionada, na qual ele reconhece o que lhe é familiar ou enfrenta o que lhe é desconhecido. O processo de recepção de texto tem início antes mesmo da relação texto - leitor. Este possui um horizonte, uma visão de mundo que o limita, mas pode modificar-se, expandindo-se. Aquele poderá confirmar ou incomodar, perturbar esse horizonte, diante das expectativas do leitor. Quando novas possibilidades de experiências são aceitas e incorporadas às referências do leitor, o texto mais modifica os limites desse horizonte de expectativas, ampliando-os. Tomando por base essas reflexões, apontamos a necessidade de construção do leitor que, por meio de experiências desafiadoras, poderá assumir uma postura crítica ante o mundo, descobrindo novos sentidos e reelaborando seus horizontes. Embasados na Teoria da Estética da Recepção, apresentaremos uma proposta de trabalho visando proporcionar aos alunos experiências de leitura de poemas líricos de diferentes períodos literários, explorando a relação som - sentido.

COMPREENSÃO DE TEXTOS: UM ESTUDO SOBRE O PAPEL DAS INFERÊNCIAS

Marco Antônio Rosa Machado (UNICAMP)

O processo de compreensão de leitura geralmente combina duas fontes de informações: afirmações explícitas no texto e conhecimento de mundo que o leitor tem armazenado na memória. Mas a compreensão não é um processo mecânico de mera decodificação de uma mensagem, é um processo ativo em que o leitor aciona mecanismos lingüísticos e cognitivos para (re)construir o significado do enunciado. E um fator determinante na compreensão de textos é a capacidade de o leitor realizar essas manobras e gerar inferências apropriadas a cada tipo de texto. Inferência é tomada aqui como a estratégia cognitiva pela qual o leitor gera uma informação semântica nova, a partir de uma informação semântica anterior, em um determinado contexto. E isso ocorre a partir de elementos internos ao texto, bem como a partir de informações e conhecimentos adquiridos pelo leitor durante a vida, pois para inferir apropriadamente o leitor aciona processos lingüísticos e cognitivos complexos, que envolvem vários fatores: as condições da situação imediata, a imagem recíproca dos interlocutores, o conhecimento partilhado, a familiaridade com determinado modo enunciativo. Assim, pode-se dizer que o processo inferencial desempenha um papel crucial na compreensão de textos. Por esse motivo, estudiosos de várias áreas (Filosofia, Lógica, Psicologia Cognitiva, Lingüística, Ciência Cognitiva) têm se interessado pelo assunto e realizado pesquisas para compreender o processo de inferênciação (Collins, Brown & Larkin, 1980; Dijk & Kinstch, 1983; Rickheit & Strohner, 1985; Marcuschi, 1985; Koch, 1993; Shiro, 1994; Broek et al, 2001). Tomando algumas dessas pesquisas como ponto de partida e conjugando-as com algumas teorias sobre compreensão de leitura, pretendo, neste trabalho, analisar os tipos de inferências que graduandas do curso de Letras fazem a partir de um texto literário narrativo. Busco explicitar quais elementos foram enfocados para a produção de inferências e quais fatores lingüísticos e extralingüísticos interferiram neste processo.

CONTAR HISTÓRIAS PARA FORMAR LEITORES

Gláucia Aparecida Batista (UNITAU)

A contação de histórias é uma atividade rica para motivar para a leitura de literatura. A história contada (mitologia, conto, lenda, etc.) leva a criança ou adolescente para um mundo novo, desperta a fantasia e a imaginação. Ouvindo histórias, o aluno se encanta, quer mais. Relato a experiência com 5ª e 6ª séries, na qual conto histórias variadas e apresento as obras literárias

para escolha dos alunos, que as emprestam, lêem em casa e depois compartilham suas leituras. O objetivo deste trabalho é desenvolver o gosto pela leitura de literatura, partindo sempre da liberdade do aluno para a escolha de suas leituras, com o que os tenho levado a descobrir seus gêneros e autores preferidos.

ESTRATÉGIAS DE LEITURA EM SALA DE AULA.

Kelly Viviane Bernardo

A questão da importância da leitura e seu significado para o aluno representam um desafio para o professor e escola. Seduzida pela leitura e ciente de sua contribuição para o conhecimento do mundo e de nós mesmos, para o crescimento e capacidade de desvendar, transformar-se e transformar o mundo, busca-se atrair o aluno para torná-lo um leitor competente e mobilizado pela leitura. Sentidos, desafios, busca, espera, diálogo, comprometimento, envolvimento e humildade sustentam e fundamentam esta investigação. Ao se fazer um movimento de circunscção, inicialmente teórico, pesquisando o que é leitura sob diversos ângulos e sem pontos de intersecção com o leitor, o autor e o sentido e suas implicações, conciliando o prático por meio da participação dos alunos, tentamos compreender sua realidade, analisando suas posturas frente à leitura e o sentido que a ela atribuem.

LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL EM LÍNGUA MATERNA: UM TRABALHO JUNTO A ALUNOS DE QUINTA SÉRIE, COM DEFASAGEM DE APRENDIZAGEM

Maria Antonia Garville (UNESP)

No período de março a dezembro de 2004, desenvolveu-se, junto a 61 alunos de 5ª série, em duas escolas da região de São José do Rio Preto, SP, uma estadual e outra municipal, o projeto acima intitulado, cujo objetivo principal foi atenuar ou reduzir a defasagem dos aprendizes em leitura e produção textual.

O trabalho realizado deu ênfase à leitura interativa, com ativação do conhecimento prévio dos alunos, fator essencial à compreensão dos textos propostos a eles, e à produção/refacção textual, atividade que, até então, era pouco desenvolvida, em sala de aula, pelos professores das turmas de 5ª série participantes do projeto. Nesse sentido, foram dadas orientações aos docentes das classes e discutidos com eles critérios de avaliação e correção dos textos elaborados pelos alunos. Dessa forma, a metodologia de trabalho compreendeu as seguintes etapas: diagnose inicial; análise e discussão, com os professores das 5ªs séries participantes, dos dados obtidos; estabelecimento de um plano de trabalho, com base nos dados coletados; desenvolvimento do plano de trabalho; aplicação de diagnose final; análise e discussão dos resultados e conclusão do projeto. Os resultados apontaram para objetivos alcançados, principalmente na escola municipal que, sem dúvida foi a mais empenhada: dos 30 alunos participantes, somente 4 não atingiram as condições necessárias para a promoção à série seguinte. No total, houve 42 alunos, entre os 61 iniciais, que avançaram (e bem!): conseguiram reduzir ou diminuir a defasagem em leitura e escrita e foram promovidos para a 6ª série em condições bem melhores que aquelas em que chegaram à 5ª série, quanto ao desempenho em leitura e produção textual.

LEITURA ELABORADA E MEMÓRIA DE LONGO PRAZO

Oswaldo Freitas de Jesus (UFU)

Trata-se de um relatório de pesquisa, realizada durante o ano de 2004. Nela foram correlacionadas leitura e memória. Partiu-se do princípio de que a memória de longo prazo, fundamental para a leitura acadêmica, só registra em seus arquivos neuronais aqueles engramas(unidades

de informação) que tenham sido recebidos de maneira especial, i.e., com maior milivoltagem (motivados) ou que tenham re-ocorrido (sido repetidos). Deste modo, o hipocampo processa o arquivamento duradouro da informação na rede neuronal. Três grupos de alunos foram escolhidos para realizar a experiência, os quais leram um texto de 500 palavras, com informações correlatas, na seguinte ordem e proporção: G1 - uma vez; G2 - duas vezes; G3 - três vezes. O primeiro grupo acertou 48% das informações no teste após 48 horas (tempo necessário para caracterizar a memória de longo prazo) da leitura; o segundo grupo acertou 60% das informações no teste após 48 horas; finalmente o terceiro grupo acertou 87% no teste após 48 horas. Em resumo, a re-ocorrência da informação, tudo indica, favoreceu à elaboração de engramas na memória de longo prazo na estrutura cognitiva durante o processo da leitura. Para que isto possa ter ocorrido, neuro-transmissores devem ter acionado proteínas (cinesina) no interior dos neurônios-receptores, com o que foi sinalizado ao DNA, no núcleo, que proteínas adicionais fossem fabricadas e assim as sinapses envolvidas se tornassem consolidadas. Esta experiência, na área da leitura e memória, será relatada e discutida com os interessados em leitura e cognição, uma vertente promissora no estudo da mente no Século XXI.

METACOGNIÇÃO E COMPREENSÃO DE METÁFORA: DESAFIOS DO LEITOR DE TEXTO POÉTICO EM LE

Claudia Cristina Ferreira Ferling (PUC-SP)

O foco deste trabalho é observar as estratégias metacognitivas utilizadas por dois alunos semi-proficientes de LE (inglês) durante o processo de leitura e construção do sentido das metáforas de um poema de Emily Dickinson.

Partindo de que a relevância-leitor (Cavalcanti, 1989) é mais evidente na leitura deste tipo de texto, em grande parte pelo seu caráter "inacabado", focalizo a metacognição (Brown, 1980) durante a construção da interpretação do poema como um fator facilitador à compreensão de metáforas.

Este estudo segue a perspectiva da Lingüística Aplicada e do paradigma qualitativo (Ekickson, 1986). A análise dos dados recai no protocolo verbal em grupo (Zanotto, 1998), através de investigação interpretativista e de cunho etnográfico.

Para focalizar a metáfora utilizo Lakoff e Johnson (1980/2002), Lakoff e Turner (1989), Gibbs (1994; 1999a), Cameron (2003) e Zanotto (1992; 1998). A questão da leitura baseia-se em Kato (1985), Brown (1980).